



## AUTONOMIA LEITORA NO ENSINO MÉDIO: IMPORTÂNCIA E PERSPECTIVAS DE MEDIAÇÃO NA SALA DE MULTIMEIOS EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO CEARÁ - UM ESTUDO DE CASO

*Maria Regina Sesário Dos Santos<sup>1</sup>*

O presente artigo comunica uma investigação sobre o papel da sala de multimeios no fomento à autonomia leitora entre alunos do Ensino Médio, em uma escola pública estadual do Ceará. O estudo se propôs a compreender como práticas de mediação realizadas nesse espaço contribuem para ampliar a relação dos estudantes com a leitura, favorecendo a construção de sentidos, a autoria e a criticidade. Ao explorar esse ambiente como campo de interação entre linguagem, tecnologia e aprendizagem, busca-se evidenciar caminhos que tornem a leitura mais acessível, relevante e integrada à realidade juvenil. A escolha do tema justifica-se pela urgência de repensar o uso dos espaços escolares frente às exigências contemporâneas da cultura digital e à carência de políticas efetivas que estimulem o protagonismo estudantil, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e educacionais. A relevância da investigação está no potencial de contribuir para práticas que transcendam o uso mecânico da tecnologia e promovam experiências de leitura significativas, de modo articulado às diretrizes da BNCC. O embasamento teórico ancorou-se em livros, artigos, documentos, sites oficiais que abordam o papel emancipador da leitura, a formação do leitor e a importância da mediação pedagógica. Esses aportes permitiram fundamentar uma visão crítica e transformadora da leitura, entendida não como mera decodificação, mas como exercício de liberdade e construção de identidade. A pesquisa, de natureza qualitativa, delineou-se como estudo de caso, envolvendo observação das atividades realizadas na sala de multimeios, entrevistas com docentes e discentes, análise de documentos escolares e registros de ações mediadas ao longo de um semestre letivo. O material coletado foi analisado à luz de categorias emergentes, como protagonismo, autoria e engajamento. Os resultados apontam que, quando bem planejada, a sala de multimeios se configura como um espaço potente de formação leitora, ampliando as possibilidades de escolha, interpretação e produção textual dos alunos. As práticas mediadas contribuíram para fortalecer a autonomia dos estudantes e enriquecer o ambiente pedagógico com experiências colaborativas e criativas..

Palavras-chave: Autonomia, Mediação, Multimeios.

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras-Português, pela Universidade Estadual do Ceará, Brasil. Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Latino - Americana de Educação – FLATED. Mestra em Linguística pela PROFLETRAS – UFRN. Doutora em Ciências da Educação pela UNADES/PY.

## 1. INTRODUÇÃO

Num cenário contemporâneo atravessado por constantes transformações sociais, culturais e tecnológicas, a leitura adquire um papel estratégico na formação dos sujeitos. Longe de ser apenas uma exigência curricular ou uma técnica mecânica de decodificação, ler implica mobilizar sentidos, estabelecer conexões com o mundo, desenvolver pensamento crítico e alimentar a autonomia intelectual.

Quando tratamos do Ensino Médio, etapa final da educação básica, é necessário reconhecer que a prática da leitura transcende a sala de aula e se torna elemento estruturante para o exercício da cidadania, da construção da identidade e da inserção ativa em diferentes esferas da vida social. No entanto, o cotidiano das escolas públicas brasileiras revela obstáculos persistentes na formação de leitores críticos e autônomos. Muitos estudantes chegam ao Ensino Médio com experiências fragmentadas de leitura, resultado de um processo educacional que, em diversas situações, prioriza a memorização e o cumprimento de conteúdos em detrimento da reflexão e do prazer de ler. Além disso, os desafios socioeconômicos e a carência de recursos pedagógicos, aliados às práticas de ensino pouco dialógicas, dificultam a construção de vínculos significativos com o texto escrito, afetando diretamente o desenvolvimento da autonomia leitora.

Diante dessa realidade, torna-se imprescindível pensar a leitura como um processo que se dá no encontro entre sujeitos, textos e mediações. A figura do mediador — professor, bibliotecário, arte-educador — assume papel decisivo na criação de espaços de escuta, partilha e experimentação. É nesse contexto que a sala de multimeios, presente em muitas escolas da rede pública, emerge como ambiente promissor, por articular diferentes linguagens, tecnologias e possibilidades interativas, favorecendo práticas de leitura mais dinâmicas, inclusivas e contextualizadas.

A presente pesquisa nasce da inquietação sobre como tornar a leitura uma experiência viva e emancipadora para os jovens do Ensino Médio, especialmente no contexto de uma escola pública estadual do interior do Ceará. Ao se debruçar sobre o uso pedagógico da sala de multimeios, este estudo busca compreender de que forma esse espaço pode potencializar a mediação da leitura e contribuir para a autonomia dos estudantes. Trata-se de uma investigação qualitativa, com abordagem de estudo de caso, cuja intenção é mergulhar nas práticas cotidianas de professores e alunos para identificar caminhos, impasses e aprendizados.

Partimos do entendimento de que a autonomia na leitura não se impõe nem se transfere: ela se constrói, paulatinamente, por meio de vivências mediadas, planejadas e sensíveis às singularidades dos sujeitos.

A mediação, neste trabalho, é concebida como uma ação pedagógica deliberada que cria pontes entre o leitor e o texto, provocando interpretações, escutas e posicionamentos. A sala de multimeios, nesse processo, não é vista apenas como um ambiente com equipamentos digitais, e estantes repletas de livros impressos; mas como um território de possibilidades, onde se cruzam vozes, suportes e práticas culturais diversas.

A escolha pela escola investigada se deu por sua atuação destacada na utilização da sala de multimeios em atividades integradas ao currículo escolar. Essa Instituição apresenta um histórico de experiências inovadoras envolvendo leitura, o que oferece condições propícias para observar e analisar práticas de mediação desenvolvidas nesse ambiente. Assim, ao acompanhar os modos como os professores estruturam suas intervenções e como os estudantes respondem a essas propostas, pretende-se compreender o alcance e os limites da mediação leitora nesse espaço.

A pesquisa dialoga com debates contemporâneos sobre a função social da escola, o direito à leitura como elemento de inclusão e a importância das tecnologias educacionais na promoção da equidade de acesso ao conhecimento. Nesse sentido, este estudo não se propõe apenas a descrever experiências locais, mas a produzir reflexões que possam contribuir para a construção de políticas públicas e práticas pedagógicas comprometidas com uma educação libertadora.

Este trabalho se organiza em torno da seguinte questão: *De que maneira as práticas de leitura mediadas na sala de multimeios contribuem para o fortalecimento da autonomia leitora dos alunos do Ensino Médio?* Essa é a questão levantada da investigação que se pretende elucidar.

A hipótese que orienta a pesquisa é que o uso intencional e dialógico da sala de multimeios, aliado a estratégias consistentes de mediação pedagógica, é capaz de favorecer a ampliação da competência leitora dos estudantes, estimulando posturas mais críticas e independentes diante dos textos.

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar o papel da sala de multimeios como espaço de mediação para o desenvolvimento da autonomia na Leitura entre estudantes do Ensino Médio numa escola estadual de Fortaleza Ceará Brasil.

A metodologia adotada apoia-se em princípios da abordagem qualitativa, centrada na escuta dos sujeitos e na compreensão dos processos educativos em sua complexidade. As técnicas utilizadas incluem entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise de documentos pedagógicos. O estudo prioriza a construção de sentidos a partir da vivência dos participantes, respeitando o contexto cultural e institucional no qual estão inseridos.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Leitura na Contemporaneidade Escolar como Prática Social

A partir das contribuições de Kleiman (2023), é possível compreender a leitura como uma prática situada, isto é, moldada por condições socioculturais específicas. A autora afirma que "ler é participar de práticas sociais letradas", o que implica entender que os textos ganham sentido a partir das formas como são apropriados pelos leitores em contextos diversos. Assim, o ato de ler envolve múltiplas dimensões: cognitivas, afetivas, sociais e culturais. No espaço escolar, isso exige uma revisão das metodologias ainda pautadas em modelos transmissivos, centrados na compreensão literal e descontextualizada dos textos.

Nesse sentido, a leitura escolar, para ser significativa precisa estar inserida em práticas que façam sentido para os alunos. Segundo Soares (2022) argumenta que ensinar a ler implica oferecer oportunidades para que o estudante compreenda o mundo a partir das múltiplas linguagens que o atravessam. Essa visão amplia o conceito tradicional de leitura e propõe sua integração com os discursos que circulam socialmente — desde os impressos até os digitais, dos textos literários aos memes, das narrativas orais às imagens que permeiam as redes sociais. Logo, a diversidade textual que caracteriza o tempo presente exige práticas pedagógicas atentas à multiplicidade de formas e sentidos da linguagem.

Esse entendimento encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a leitura como uma prática social articulada à construção de sentidos, à formação crítica e à atuação cidadã. Segundo esse documento, "A leitura envolve a apropriação de diferentes gêneros e linguagens para compreender e interagir no mundo de maneira reflexiva e ética" (BRASIL, 2018, p. 70). Na prática pedagógica, tais ações demandam não apenas a seleção de textos variados, mas também a valorização dos repertórios culturais dos estudantes, promovendo situações de leitura que estabeleçam pontes com suas realidades sociais.

A escola, por sua vez, enquanto espaço de mediação entre saberes cotidianos e conhecimentos sistematizados, tem a responsabilidade de formar leitores capazes de interpretar e de transformar o mundo. Assim, Freire (2023), ao afirmar que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", aponta para a inseparabilidade entre linguagem e experiência, entre texto e contexto. Dessa forma, promover a leitura crítica significa fomentar a capacidade de perceber as relações de poder, ideologia e cultura que atravessam os discursos. A leitura crítica não apenas compreende o conteúdo dos textos, mas questiona suas intenções, suas ausências e os efeitos que produzem. Nesse processo formativo, a atuação do professor é fundamental. Vygotsky (1998) sustenta que a aprendizagem é constituída nas relações sociais e que o desenvolvimento das funções mentais superiores ocorre por meio da mediação simbólica e da interação com o outro. Ao propor desafios cognitivos acessíveis, mas instigantes, o docente contribui para ampliar o repertório interpretativo dos alunos, possibilitando que eles avancem para níveis mais complexos de compreensão. A mediação docente, portanto, deve articular as práticas escolares à vida cultural e social dos estudantes, favorecendo a construção de significados mais amplos.

## 2.2 Autonomia Leitora: Princípios, Obstáculos e Horizontes Possíveis

A autonomia leitora engloba dimensões cognitivas, sociais e afetivas. Na perspectiva de Chartier (2023), o ato de ler configura-se como um processo de apropriação singular, no qual o leitor articula seus saberes prévios, suas vivências e objetivos, conferindo ao texto sentidos que transcendem sua materialidade original. Isso significa que a autonomia leitora não pode ser alcançada por meio da repetição de exercícios escolares mecanizados, mas sim a partir de uma trajetória de engajamento com textos que desafiem o leitor a se posicionar de maneira crítica e reflexiva.

No atual cenário da educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), validada em 2018, constitui um marco orientador das práticas pedagógicas, estabelecendo os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a serem garantidos a todos os estudantes. Estruturada em torno de dez competências gerais, essa diretriz propõe uma formação ampla, voltada para aspectos cognitivos, sociais, emocionais e éticos, sendo estas competências progressivamente articuladas ao longo das três etapas da Educação Básica: Infantil, Fundamental e Médio.

Como Freire (2023) destaca que a leitura é um ato de conhecimento, não de passividade. Ao afirmar que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (p. 11), Freire sugere que o ato de ler está sempre vinculado à realidade concreta dos sujeitos. Promover a autonomia leitora, portanto, exige reconhecer que cada aluno traz consigo um repertório interpretativo próprio, que deve ser respeitado e expandido no processo educacional.

Apesar de sua centralidade, a promoção da autonomia leitora enfrenta diversos obstáculos no sistema educacional. Um dos principais é o modelo tradicional de ensino, que se baseia na memorização e na reprodução de respostas pré-estabelecidas. Esse modelo reduz a leitura a um processo mecânico e descontextualizado, dificultando a formação de leitores críticos e reflexivos. Conforme pontua Soares (2017) observa que, frequentemente, a leitura é tratada como um fim em si mesma, restringindo-se a exercícios de interpretação que pouco dialogam com o universo dos alunos. Esse tipo de abordagem engessa a leitura, tornando-a monótona e ineficaz. A autora defende que a leitura deve ser tratada como um processo dialógico e significativo, que se articule com a vida social e cultural dos estudantes.

Outro grande obstáculo está relacionado às desigualdades socioeconômicas e culturais. Como mostram Abramovay e Silva (2023), estudantes oriundos de contextos de vulnerabilidade social geralmente têm menos acesso a materiais de leitura diversificados e enfrentam um número reduzido de oportunidades para práticas leitoras em seus ambientes familiares. Para superar essa lacuna, é necessário implementar políticas públicas que democratizem o acesso à leitura, incluindo a criação de bibliotecas comunitárias e programas de incentivo à leitura nas escolas. Além disso, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) oferecem tanto oportunidades quanto desafios. Embora as tecnologias possam ampliar o repertório leitor dos estudantes, elas também exigem novas habilidades cognitivas, como a capacidade de avaliar fontes, navegar em hipertextos e gerir a atenção em

ambientes digitais dispersivos. Desse modo Coscarelli e Ribeiro (2022) alertam que, se não trabalhadas adequadamente, essas tecnologias podem contribuir para o consumo superficial de informações, em vez de promover o aprofundamento da leitura crítica e autônoma.

O despreparo dos docentes para lidar com os múltiplos letramentos e as diferentes formas de leitura constitui outro obstáculo significativo. Vale ressaltar que a formação inicial de muitos professores ainda se concentra em aspectos técnicos e frequentemente desarticulados das práticas pedagógicas efetivas de leitura. Desse modo, Kleiman e Moraes (2021) afirmam que a formação de leitores autônomos exige que os professores sejam, eles próprios, leitores críticos, capazes de selecionar, mediar e problematizar textos com intencionalidade pedagógica.

Diante desses desafios, é possível vislumbrar diversos caminhos para a promoção da autonomia leitora nas práticas pedagógicas. Um primeiro passo fundamental é a ressignificação da leitura no currículo escolar. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) reconhece a leitura como uma prática social e propõe que os estudantes desenvolvam competências leitoras voltadas à análise crítica, à argumentação e à compreensão de múltiplas linguagens. Embora a implementação dessa diretriz ainda enfrente resistências, ela oferece uma base sólida para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas.

A proposta dos multiletramentos, defendida por Kalantzis e Cope (2020), também apresenta uma perspectiva inovadora. Ao valorizar a diversidade cultural e linguística dos sujeitos e ao incorporar diferentes modos semióticos (visuais, sonoros, gestuais, espaciais) nas práticas de leitura, essa abordagem amplia as possibilidades de engajamento dos alunos, tornando o ato de ler mais próximo de suas realidades e experiências cotidianas.

### **2.3 Mediação Educativa como Processo Formativo na Leitura**

De acordo com Kalantzis e Cope (2023), a noção de multiletramentos expande significativamente as práticas de leitura e interpretação, ao integrar múltiplos modos de linguagem — não se limitando à palavra escrita, mas incluindo também recursos visuais, sonoros e digitais que compõem os diversos textos e discursos contemporâneos no texto. A mediação educativa, portanto, deve incentivar o aluno a analisar não apenas o conteúdo explícito do texto, mas também suas entrelinhas e os pressupostos que estruturam a narrativa, contribuindo para uma leitura mais profunda e autônoma. Com o avanço das tecnologias digitais e a multiplicação das formas de comunicação, a mediação educativa precisa se adaptar a novos contextos, exigindo uma abordagem mais ampla e inclusiva da leitura.

No cerne dessa questão, está o educador, que tem um papel essencial ao orientar os alunos na compreensão das novas linguagens e formas de produção de sentido, integrando as práticas de leitura tradicionais com as novas demandas do mundo digital. A mediação educativa, portanto, deve incorporar os multiletramentos às práticas pedagógicas cotidianas, permitindo que o aluno se torne apto a ler e interpretar diversos textos e códigos que fazem parte da cultura contemporânea. Assim, a mediação educativa, entendida como um processo formativo, é essencial

para a construção de uma leitura autônoma, crítica e reflexiva. Ao adotar uma postura mediadora, o educador facilita a construção de significados, permitindo que o aluno desenvolva suas próprias interpretações. Em um contexto educacional dinâmico e diversificado, a mediação se configura como um pilar fundamental da educação, não só para a formação de leitores proficientes, mas também de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada na pesquisa, apresentando a abordagem qualitativa de campo com os instrumentos utilizados na coleta de dados e, ainda, os critérios de escolha e a caracterização da escola e dos sujeitos participantes deste estudo. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, uma vez que primou pelos elementos subjetivos do fenômeno em questão e, a partir deles, pela fala dos sujeitos pesquisados. (YIN, 2021).

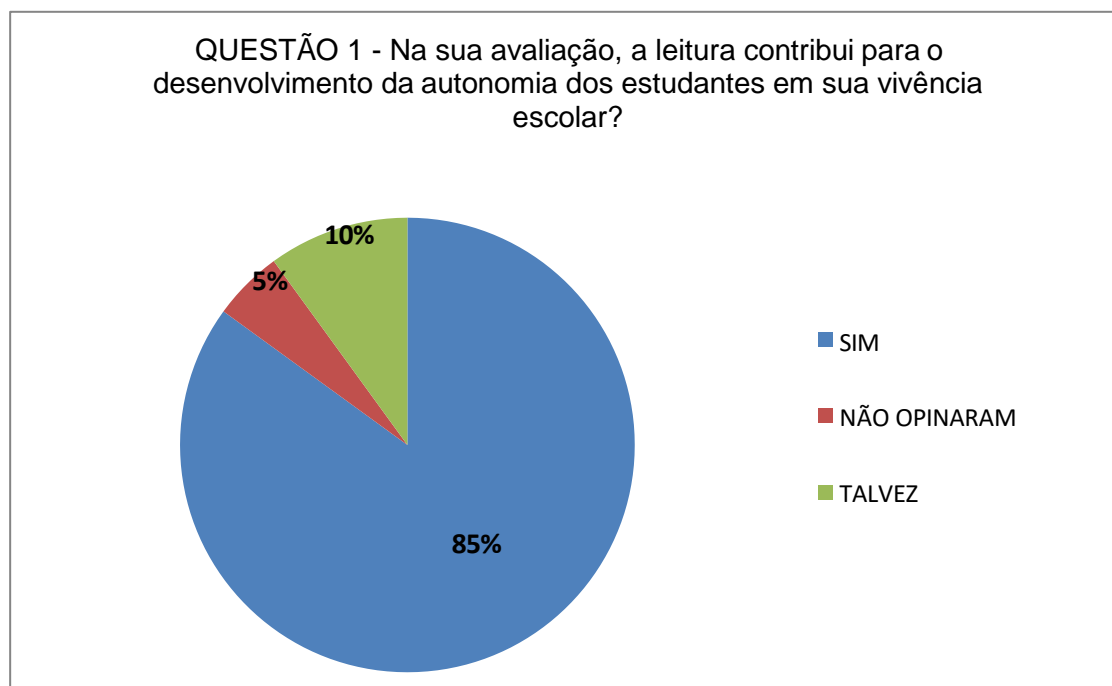
Para o seu desenvolvimento, inicialmente foi feita, a abordagem qualitativa como parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito onde a pesquisadora foi ao espaço Escola EEMTI Integrada 2 de Maio - Escola Estadual onde já trabalha, cujo fenômeno ocorre, e assim reunir um conjunto de informações a serem documentadas e um estudo de livros de cunho bibliográficos para o embasamento teórico importante ao estudo.

. A pesquisa de campo na escola pública EEMTI Integrada 2 de Maio foi realizada com professores que trabalham no ensino médio, com gestores e alunos, no que consistiu em um recorte da realidade empírica com 12 professores (04 professores 1º ano, 04 do 2º ano e 04 do 3º ano ensino médio), 06 gestores (01 Diretor, 01 secretária, 03 coordenadoras pedagógicas, 01 Assessor financeiro) e, 12 alunos ( 04 do 1º anos, 04 do 2º ano e 04 do 3º ano do ensino médio) da escola perfazendo um total de 30 participantes envolvidos, que foram investigados a partir das escolhas teóricas feitas a partir de um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas para tratar do objeto de investigação.

As ações investigativas envolveram a observação direta de práticas pedagógicas e o registro de relatos sobre vivências escolares nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, complementadas por entrevistas semiestruturadas com professoras, equipe gestora e familiares dos estudantes. Ao longo desse processo, a escuta atenta e o diálogo franco com todos os sujeitos da comunidade escolar – gestores, professores e alunos – foram fundamentais para construir uma percepção consistente e contextualizada sobre o funcionamento da instituição e suas práticas pedagógicas. Esse movimento de aproximação favoreceu não apenas a compreensão mais detalhada da realidade investigada, mas também a articulação crítica entre as informações coletadas em campo, os conteúdos emergidos das entrevistas e as leituras teóricas realizadas pela pesquisadora, que buscou sustentar a análise com base em referências pertinentes à temática em estudo.

### **4. ANÁLISES DOS RESULTADOS**

**GRÁFICO 1.** Sobre o papel da leitura no desenvolvimento da autonomia dos estudantes em sua vivência escolar.



Fonte: Autora

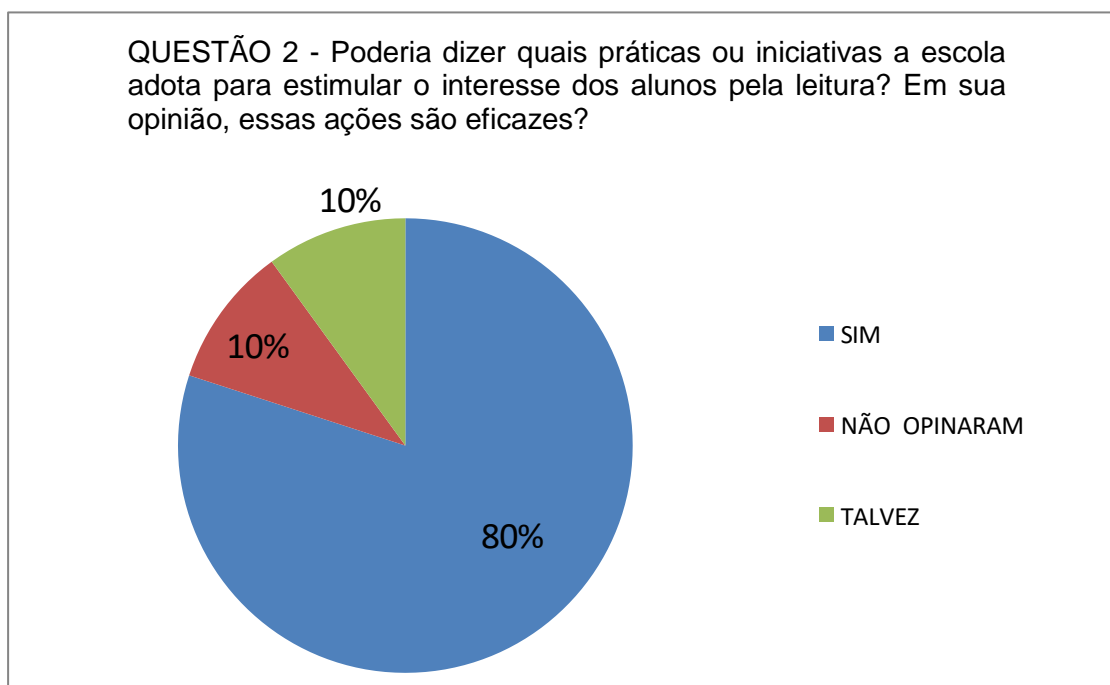
A análise dos dados da pergunta nº 1, respondida por gestores, professores e alunos, revela que 85% dos entrevistados reconhecem que a leitura contribui diretamente para a construção da autonomia intelectual, enquanto 10% demonstram incerteza e 5% preferiram não opinar. Esses números, somados aos relatos qualitativos, apontam para uma valorização significativa da leitura como prática formativa, embora persistam desafios em sua efetivação cotidiana. Do ponto de vista da gestão escolar, a leitura é concebida como uma estratégia estruturante para o desenvolvimento do pensamento crítico. Para esses profissionais, incentivar práticas leitoras ultrapassa o cumprimento das diretrizes educacionais: trata-se de formar sujeitos capazes de elaborar juízos próprios, interpretar a realidade e tomar decisões conscientes. Como exemplificou um gestor, “estudantes que têm contato frequente com a leitura tendem a desenvolver um pensamento mais livre, o que os ajuda tanto nas decisões escolares quanto na vida”.

Entre os professores, essa concepção adquire contornos práticos: a leitura precisa ser mediada de forma intencional, permitindo múltiplas interpretações e promovendo vínculos com as vivências dos estudantes. Um docente sintetizou essa ideia ao afirmar que “ler, para nós, não é apenas interpretar um texto, mas provocar-nos o desejo de pensar por conta própria, sair do lugar comum”. Ainda assim, os educadores ressaltam que fatores como o acesso restrito a livros e a ausência de políticas públicas permanentes limitam a consolidação de uma cultura leitora, especialmente em territórios de vulnerabilidade social. A percepção dos estudantes do ensino médio confirma a importância da leitura, principalmente no que se refere ao desempenho em Língua Portuguesa e Redação. No entanto, muitos jovens também apontam benefícios que transcendem o aspecto acadêmico: relatam que a leitura os

ajudou a lidar com questões pessoais, a entender fenômenos sociais e a desenvolver maior maturidade emocional. Um estudante compartilhou: “Com o tempo, percebi que os livros me ajudavam a enxergar coisas que eu não entendia em casa, na escola, no mundo. Passei a ter mais opinião”. Apesar disso, o hábito da leitura ainda é instável e frequentemente condicionado ao estímulo de professores ou a projetos escolares específicos. Assim, Paulo Freire (2018) oferece uma das chaves para compreender a leitura como prática emancipadora. Para ele, “ler o mundo precede a leitura da palavra”, evidenciando que a leitura é um processo de decifração crítica da realidade e um ato político de inserção ativa no mundo. Essa concepção sustenta a ideia de que práticas leitoras devem ser enraizadas nas vivências dos alunos e conectadas às suas realidades sociais.

Segundo Rildo Cosson (2021), ao discutir a formação do leitor literário, propõe que a escola deve proporcionar experiências de leitura que cultivem a subjetividade, a imaginação e o senso crítico. Para o autor, a leitura literária é essencial para a constituição de sujeitos autônomos, pois permite a apropriação de múltiplas linguagens e amplia o repertório interpretativo dos estudantes. Assim, Isabel Solé (2019), por sua vez, aborda o processo da leitura sob uma perspectiva cognitiva, destacando que ler envolve decisões conscientes, inferências e estratégias metacognitivas. Segundo ela, “ler é um exercício constante de escolhas e estratégias”, o que reforça a necessidade de ensinar os estudantes não apenas a ler, mas a pensar criticamente sobre o que leem.

**GRÁFICO 2.** Sobre as eficácias das ações, das práticas ou iniciativas que a escola adota para estimular o interesse dos alunos pela leitura.



Fonte: Autora

As respostas à segunda pergunta revelam um conjunto diversificado de estratégias implementadas pelas escolas para promover o envolvimento dos

estudantes com a leitura. Entre as iniciativas mais mencionadas estão projetos interdisciplinares de leitura, clubes do livro, rodas dialógicas, feiras literárias, uso de mídias digitais (como podcasts e canais de resenhas literárias), além de momentos fixos dedicados à leitura livre no horário escolar. Do ponto de vista da gestão escolar, essas práticas representam caminhos importantes para estreitar os laços entre os jovens e os livros. No entanto, os próprios gestores apontam a necessidade de que tais ações sejam contínuas, planejadas e contextualizadas. Um dos entrevistados afirmou que “ações isoladas não bastam; a leitura precisa ser sustentada por mediações significativas e conectada à realidade dos nossos alunos”. Para os professores, os projetos de leitura são espaços de criação e possibilidade, mas enfrentam entraves como a carência de acervo diversificado, a ausência de uma política consistente de formação docente voltada para a mediação literária e a pouca valorização da leitura no ambiente familiar. Uma professora observou que “por mais que tentemos criar vínculos entre o aluno e o texto, muitos chegam sem qualquer referência positiva do livro em sua trajetória pessoal”.

Os estudantes, por sua vez, demonstraram percepções ambíguas. Há interesse em propostas mais dialógicas e interativas, mas também certa resistência quando a leitura se apresenta como tarefa obrigatória e desprovida de sentido. Um aluno compartilhou que “quando a leitura é ligada a debates sobre temas que fazem parte do nosso cotidiano, ela se torna instigante. Mas quando nos pedem apenas para ler por ler, sem discussão, perde a graça”. A constituição do hábito leitor na escola não ocorre de forma espontânea, e sim por meio de mediações intencionais e cuidadosas. Rildo Cosson (2021) afirma que a leitura literária precisa ser inserida no cotidiano escolar como uma experiência viva, que possibilite prazer, reflexão e identificação. Para o autor, “não basta propor atividades de leitura; é preciso construir um ambiente em que o aluno possa fruir o texto como sujeito crítico e sensível”.

Na mesma direção, Colomer (2017) salienta que a formação leitora exige acesso frequente a textos variados e contextos que validem a leitura como prática social relevante. Segundo ela, “o vínculo com a leitura só se consolida quando o estudante se reconhece como parte de uma comunidade leitora”. Desse modo, Carmen Lúcia Vieira (2019) reforça o papel fundamental da mediação docente. Ela aponta que a eficácia das práticas de leitura está condicionada à intencionalidade pedagógica, à escuta ativa e ao respeito pelo ritmo do leitor em formação. Para Vieira, “mediar leitura é mais do que aplicar atividades; é abrir caminhos de significação”.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo em questão teve como objetivo investigar as relações entre leitura, autonomia dos estudantes e mediação pedagógica no ensino médio, focalizando a prática pedagógica em uma sala de multimeios em uma escola estadual no Ceará.

A análise dos dados coletados revelou que, embora existam desafios significativos para o pleno desenvolvimento da autonomia dos alunos, há também um grande potencial para transformar as práticas educacionais por meio de uma mediação pedagógica efetiva, especialmente no que se refere ao trabalho com a leitura.

Os resultados apontam que a leitura, quando abordada de forma contextualizada e socialmente significativa, transcende a simples decodificação de palavras, configurando-se como uma ferramenta fundamental para a emancipação dos alunos. Ela permite que o estudante se aproprie do mundo, criando uma consciência crítica sobre sua realidade e contexto. Nesse cenário, a autonomia vai além do domínio de conteúdos acadêmicos, incorporando a capacidade de os alunos se posicionarem de maneira crítica, criativa e reflexiva, tanto no ambiente escolar quanto no cotidiano. Um dos principais achados desta pesquisa é a necessidade de uma mediação pedagógica ativa, que reconheça e valorize as vivências e os contextos culturais dos alunos. A sala de multimeios se apresenta como um espaço de possibilidades para a construção da autonomia e da autoria dos estudantes, uma vez que permite a integração de diferentes formas de expressão e comunicação, proporcionando aos alunos a liberdade de escolher como e o que produzir. Este ambiente, ao ser utilizado de forma adequada, facilita a apropriação do conhecimento de maneira mais dinâmica e autônoma.

As propostas dos entrevistados — gestores, professores e alunos revelaram uma postura propositiva em relação ao fortalecimento das interações entre leitura, autonomia e mediação pedagógica. A maioria dos participantes sugeriu ações como a criação de ambientes de leitura colaborativa, a integração da leitura com outras áreas do conhecimento e o incentivo à produção autoral dos estudantes. Tais sugestões ressoam com as ideias de educadores como Paulo Freire (2023), Rildo Cosson (2021) e Luiz Percival Leme Britto (2020), que defendem que a prática pedagógica deve ser mais do que um simples processo transmissivo de conteúdos. Ela precisa ser um meio de fomentar a autonomia crítica dos alunos, permitindo que eles se tornem protagonistas de sua própria aprendizagem.

No entanto, a pesquisa também identificou a necessidade de um investimento contínuo na formação docente e na criação de espaços de reflexão coletiva dentro da escola. A mediação pedagógica exige que o professor tenha um conhecimento não apenas técnico e literário, mas também uma postura sensível, capaz de perceber e acolher as particularidades dos alunos, compreendendo suas histórias e contextos. O papel do educador é, portanto, o de facilitador, que propicia o desenvolvimento da autonomia dos estudantes e os apoia no desenvolvimento de suas capacidades de reflexão e crítica.

Entre as limitações da pesquisa, destaca-se a dificuldade de implementação imediata de muitas das propostas sugeridas, especialmente em escolas com restrições estruturais e orçamentárias. A realidade de diversas escolas estaduais, infelizmente, ainda não oferece a infraestrutura necessária para implementar mudanças substanciais nas práticas pedagógicas. Entretanto, as sugestões apresentadas, se aplicadas de maneira gradual e com o apoio da comunidade escolar, podem contribuir para a melhoria das condições educacionais e para o fortalecimento da leitura como ferramenta de autonomia.

## 6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Rita de Cássia. **Juventudes e escolas: violências e convivência**. Brasília: UNESCO, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

BARROS, Davi; SILVA, Marcos. **Educação em movimento: práticas e reflexões contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Altera as diretrizes e bases da educação nacional***. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 19 maio 2025.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2019. CANDIDO, Antonio. *A educação pela literatura*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2022. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2024. CEARÁ. *Referencial Curricular do Ceará*. Fortaleza: SEDUC, 2021.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2023.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2017.

COSTA, M. C.; FELIPPE, A. R. **Práticas pedagógicas inovadoras na educação básica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

COSTA, M. C.; SOARES, M. F. **Ensino e aprendizagem em tempos digitais**. São Paulo: Cortez, 2021.

COSTA, Maria Clara. **Educação, linguagem e inclusão**. Curitiba: Appris, 2022.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Anna Rachel Machado. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e políticas públicas**. Campinas: Papirus, 2022.

FEUERSTEIN, Reuven. **A importância da mediação para o desenvolvimento da inteligência**. In: PIRES, A.; ASSIS, R. (Orgs.). *Educação mediada: perspectivas atuais*. São Paulo: Loyola, 2019.

FERRAZ, Cláudia Davis; BELTRÃO, Juliana. **Avaliação educacional: caminhos e perspectivas**. Porto Alegre: Penso, 2020.

FERREIRA, Ana Paula. ***Infância e currículo: desafios da contemporaneidade***. Curitiba: CRV, 2021.

FREIRE, Paulo. ***Educação como prática da liberdade***. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do oprimido***. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Luiz Carlos de. ***Avaliação da aprendizagem: uma prática em busca de novos sentidos***. São Paulo: Cortez, 2018.

HASE, Stewart; KENYON, Chris. ***Self-determined learning: heutagogy in action***. Londres: Bloomsbury, 2018.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. ***Multiliteracies: new literacies, new learning***. Nova York: Routledge, 2020.

KENSKI, Vani Moreira. ***Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação***. Campinas: Papirus, 2021.

KLEIMAN, Ângela B. ***Letramento e escola***. São Paulo: Contexto, 2017.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Maria Célia. ***Gêneros e letramentos na sala de aula***. Campinas: Mercado de Letras, 2021.

KOZMA, Robert B. ***Tecnologia e inovação na educação***. São Paulo: Cortez, 2017.

KRESS, Gunther. ***Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication***. Londres: Routledge, 2023.

LACERDA, Gláucia. ***Narrativas do cotidiano escolar***. Rio de Janeiro: Wak, 2020.

LAJOLO, Marisa. ***Do mundo da leitura para a leitura do mundo***. São Paulo: Ática, 2019.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. ***Literatura infantil brasileira: uma nova outra história***. São Paulo: Ática, 2019.

LEFFA, Vilson J. ***Caminhos da linguística aplicada***. Campinas: Pontes, 2018. LIBÂNEO, José Carlos. ***Didática***. São Paulo: Cortez, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2023.

LIMA, Robson. **Escola e inclusão: práticas e desafios**. Curitiba: Appris, 2021.  
LIPMAN, Matthew. **Filosofia para crianças: o pensamento crítico na sala de aula**.

São Paulo: Editora WMF, 2021.

LÜCK, Heloísa. **Gestão educacional e qualidade da educação**. Curitiba: Positivo, 2024.

MAGDA SOARES. **Letramento: um tema em três gêneros**. 23. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2023.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarcísio; BEHRENS, Marilda Aparecida.

**Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2019.

OLIVEIRA, Ivanilda; ARAÚJO, Camila. **Infância, educação e práticas docentes**. Fortaleza: UFC, 2021

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2022.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: 34, 2019.

PIRES, Ana; ASSIS, Roberto. **Educação mediada: perspectivas atuais**. São Paulo: Loyola, 2024.

SALGADO, Roseli. **Educação e práticas docentes**. Belo Horizonte: Mazza, 2020.

SANTANA, Denise. **Alfabetização e práticas pedagógicas contemporâneas**.

Recife: Edupe, 2023.

SILVA, Luiz Antonio da. **Educação e diversidade cultural**. Salvador: EDUFBA, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 24. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOARES, Magda. **Práticas de letramento na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SOARES, Magda; ALVES, Lucas. **Alfabetização no século XXI**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

SOLÉ, Isabel; VAN ENK, Anouk. **Leitura crítica**. São Paulo: Penso, 2021.

SOUZA, Clarissa; PEREIRA, Bruno. **Mediação de conflitos no ambiente escolar**. Brasília: Líber, 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2024.

VALENTE, José Armando. **Tecnologia e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** Campinas: Papyrus, 2020.

VIEIRA, Carmen Lúcia. **Leitura e formação leitora: da infância à vida adulta**. São Paulo: Cortez, 2019.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 20